

## A MULTIFUNCIONALIDADE DE “ALIÁS”: VALORES SEMÂNTICOS E SINTÁTICOS EM PERSPECTIVA FUNCIONAL

“Aliás” multifunctionality: semantic and syntax values in a functional perspective

Nice da Silva Ramos (UFF)

### Resumo

Esta pesquisa consiste no estudo funcional de *aliás*, observando seus aspectos semânticos e sintáticos, utilizado no domínio da argumentação. Embasamo-nos no aparato teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), da Linguística Textual (LT), e da Argumentação, e o *corpus* consiste nas teses de doutoramento em Letras Vernáculas da UFRJ, dos anos de 2014, 2015 e 2016. Grande parte das obras normativas, como também a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), classifica o *aliás* como palavra denotadora de retificação, enquadrando-o no rol das palavras não incluídas entre os advérbios. Em gramáticas e dicionários de autores consagrados, *aliás* é muitas vezes considerado advérbio. Durante a pesquisa, constatamos o uso de *aliás* como operador argumentativo em 100% das ocorrências, seja articulando variadas porções textuais, seja retificando enunciados, restando-nos esclarecer os valores sintáticos por trás da função textual de operador argumentativo. A análise preliminar é pautada no posicionamento de *aliás* e na descrição das estruturas morfossintáticas que o instanciam. Os resultados, após uma reavaliação, por tratar-se de pesquisa em andamento, apontam, *a priori*, 21 padrões instanciadores desse item em suas 98 ocorrências.

**Palavras-chave:** *aliás*; multifuncionalidade; funcionalismo.

### Introdução

A força do discurso, nas diversas situações interacionais, molda as estruturas linguísticas, por meio de novas construções, novos significados. Em muitos momentos, retomam-se velhos usos, adaptando a língua às necessidades comunicativas em níveis sintáticos, semânticos e discursivo-pragmáticos.

Segundo Cezário e Furtado da Cunha (2013, p. 174), “se a função mais importante da língua é a contínua interação entre as pessoas, que se alternam como falantes e ouvintes, essa função deve, de algum modo, condicionar a forma do código linguístico”. Assim, os estudiosos funcionalistas enfatizam a importância do uso de dados reais na análise linguística.

Em consonância com as palavras das autoras, esta pesquisa leva em conta o uso do *aliás* em um conjunto de teses de doutoramento em Letras Vernáculas, defendidas na Universidade Federal do Rio de Janeiro (doravante UFRJ). A partir desse *corpus*, objetivamos, neste trabalho, apresentar os aspectos semânticos e sintáticos desse item quando usado no domínio da argumentação, em textos acadêmicos.

A gramática tradicional dá um enfoque compartimentado e, portanto, limitado, às classificações dos itens gramaticais. Em uma visão funcionalista, não há de se contemplar tal ideia, tendo em vista a muito comum multifuncionalidade dos elementos linguísticos, observada nas situações reais de interação, quer na escrita, quer na fala.

A exemplo, grande parte das obras de caráter normativo classifica o *aliás* como palavra denotadora de retificação, enquadrando-o no rol das palavras que, a rigor, não estão incluídas entre os advérbios. Contudo, no dado (1), a seguir, podemos observar o equívoco a respeito dessa classificação:

(1) ...eles, nos albores da poesia moderna, retornam liricamente, outra vez, ao coração, através do poema de Fiamma, guiados pelos golfinhos, que emanam um lirismo marinado, temperado como o sangue romântico, sem a doçura do cânone sentimental, com a luz da razão dos novos tempos, *aliás*. (SARAIVA, tese/UFRJ, 2015, p. 108)

No dado (1), observamos que o *aliás* não retifica o discurso. Nesse caso, sua classificação como operador argumentativo é mais assertiva, se admitirmos que, nessa instância de uso, o *aliás* adiciona um argumento que ratifica os argumentos anteriores, reforçando, inclusive, o argumento de contraexpectativa (“sem a doçura do cânone sentimental”).

Impõe-se, portanto, a necessidade de análises e descrições que ultrapassem o que tradicionalmente é feito. No âmbito da semântica e da sintaxe, é necessário ir além dos limites oracionais e dos próprios itens, considerando-se os componentes discursivo-pragmáticos: a língua em seu uso efetivo, entre sujeitos interagentes, desempenhando seu papel comunicativo, contextualizada no momento da produção.

Nas próximas seções, apresentamos a revisão da literatura, alguns pressupostos teóricos básicos da LFCU, da Linguística Textual e da Argumentação. Abordamos a metodologia aplicada ao trabalho e a constituição do *corpus*, em que verificamos as ocorrências do *aliás*. Apresentamos os resultados parciais da análise acerca das instanciações do *aliás*, considerando a sua frequência de uso, as suas posições e os contextos morfossintáticos que possibilitam o seu recrutamento. Por último, seguimos com algumas considerações finais.

## 1. Revisão da literatura

Nesta seção, apresentamos informações sobre o *aliás*, segundo os autores pesquisados, e sua correspondência com os operadores argumentativos. Tratamos de sua relação entre os

operadores argumentativos, os advérbios e as conjunções e, ao final, apresentamos algumas informações sobre a etimologia, os significados e os sinônimos do *aliás*, segundo alguns autores. Consideramos a discussão desses pontos primordial para o delineamento de um estudo mais concreto dessa partícula nos textos em análise.

### 1.1. O *aliás* e suas definições

*Aliás* apresenta variadas nuances e definições. Aurélio (2007) e Houaiss (2015) o classificam como advérbio, nos verbetes apresentados a seguir:

**“a.li.ás adv. 1.** De outra maneira; do contrário; **2.** Além disso; além do mais. **3.** Diga-se de passagem; **4.** Ou por outra; ou seja”. (AURÉLIO, 2007, p. 110)

Segundo o autor, *aliás* é um advérbio, cujas acepções de modo, de inclusão e, até mesmo, de especificação/explicação – como no caso de “ou por outra” e “ou seja” -, estão presentes. Houaiss (2015) apresenta a mesma categorização para *aliás*, definindo-o, também, como advérbio,

**“a.li.ás adv. 1** de outro modo <estuda muito, a. tiraria notas ruins se não estudasse>**2** além disso <a. não era a primeira vez que faltava>**3** isto é; ou seja <estamos em agosto, a. julho>”. (HOUAISS, 2015, p. 42)

em que, assim como para Aurélio (2007), estão presentes as acepções de modo, de inclusão, de especificação/explicação, observadas nos exemplos citados pelo próprio autor. Bechara (2009) classifica o *aliás* como advérbio, admitindo, contudo, que, “como bem diz Mattoso Câmara, perturba a descrição e a demarcação classificatória ‘a extrema mobilidade semântica e funcional que caracteriza os advérbios’”. O mesmo autor também observa que:

A Nomenclatura Gramatical Brasileira põe os denotadores de inclusão, exclusão, situação, retificação, designação, realce, etc. à parte, sem a rigor incluí-los entre os advérbios, mas constituindo uma classe ou grupo heterogêneo chamado denotadores, [...] muitas das quais têm papel transfrástico e melhor atendem a fatores de função textual estranhos às relações semântico-sintáticas inerentes às orações em que se acham inseridas: [...]  
4 – retificação: aliás, melhor, isto é, ou antes, etc. (BECHARA, 2009, p. 291, grifo nosso)

Algumas expressões, dentre elas o *aliás*, são consideradas pela Tradição conforme a função textual que assumem. Não estabelecem, exatamente, uma função sintática e/ou

semântica entre as orações em que se inserem, mas viabilizam, contudo, o sentido no discurso em que estão inseridas. Cunha e Cintra (1985) salientam que:

certas palavras, por vezes enquadradas impropriamente entre os advérbios, passam a ter, com a Nomenclatura Gramatical Brasileira, classificação à parte, mas sem nome especial. São palavras que denotam, por exemplo:  
e) RETIFICAÇÃO: aliás, ou antes, isto é, ou melhor, etc.(CUNHA e CINTRA, 1985, p. 540-541, grifo nosso)

Dessa forma, segundo as obras inspiradas na NGB, o *aliás* se restringe a uma palavra denotadora de retificação. Essa visão, de *per se*, desconsidera as facetas a propósito dos contextos em que são instanciados. A Tradição categoriza o *aliás* como advérbio e palavra denotadora de retificação, desconsiderando suas nuances nos variados contextos que viabilizam seus usos.

Assim, ressaltamos a inadequada delimitação classificatória imposta pela Tradição aos itens linguísticos. A seguir, abordamos a relação entre o *aliás* e os operadores argumentativos, categoria bastante utilizada nas sequências argumentativas que compõem o *corpus* utilizado nesta pesquisa.

## 1.2. O *aliás* e os operadores argumentativos

O *aliás* é classificado, por alguns autores, como um operador argumentativo. Segundo Koch (2015), sobre os operadores argumentativos que somam a favor de uma mesma conclusão,

existe mais um operador que também introduz um argumento adicional a um conjunto de argumentos já enunciados, [...]: ele é apresentado como se fosse desnecessário, [...], quando, na verdade, é por meio dele que se introduz um argumento decisivo,[...], resumindo ou coroando todos os demais argumentos. Trata-se do operador *aliás*.

f. João é o melhor candidato. Além de ter boa formação em Economia, tem experiência no cargo e não se envolve em negociatas. Aliás, é o único candidato que tem bons antecedentes. (KOCH, 2015, p. 34, grifo nosso)

Antes de comentarmos essa citação mais pormenorizadamente, torna-se imprescindível a esta pesquisa alguns esclarecimentos acerca dos operadores argumentativos, visando a uma análise coerente das sequências textuais eleitas para o trabalho em andamento.

Koch (2011, p. 101) ressalta que o uso da linguagem é inerentemente argumentativo. Segundo a autora, o significado de uma frase é um “conjunto de instruções” referentes às

estratégias a serem utilizadas na decodificação do que se enuncia e na sua atualização, permitindo-lhe diversas leituras.

Essas instruções que permeiam as frases, a fim de atingir a decodificação dos enunciados, orientando a sequência discursiva, são de natureza gramatical. Dessa forma, podemos reconhecer o valor argumentativo inerente à gramática. Os encadeadores dos enunciados responsáveis por essa orientação, por sua vez, são os operadores argumentativos.

No dado (2), a seguir, exemplificamos a função encadeadora, argumentativa, do *aliás*, e não retificadora como preconiza a Tradição:

(2) (...) Quem é ele? Qual o verão? Para quem o Verão é importante? Para o narrador ou para o personagem inominado? Quem narra, *aliás*? Serão narrador e personagem a mesma pessoa? Qual a cidade peninsular, que península? Qual a indagação, qual o pintor? (VENTURA, tese/UFRJ, 2015, p. 113)

Em (2), o *aliás* opera de forma a ratificar, enfatizar todo o discurso anterior, com um argumento que sumariza todas as dúvidas mencionadas previamente no texto. Ele resume, utilizando um argumento importante (“Quem narra, *aliás*?”). Presumimos, nessa instanciação, que o *aliás* tem a função de “encapsulador”, por retomar toda a declaração anterior, em função do cotexto.

Ducrot (*apud* Koch, 2015, p. 30) utiliza o termo “operador argumentativo” para designar elementos da gramática de uma língua cuja função é indicar a força argumentativa dos enunciados, o sentido para o qual apontam, visando ao direcionamento de determinada conclusão.

O autor propõe duas noções básicas: a de *classe argumentativa* (constituída de um conjunto de enunciados que podem igualmente servir de argumento para uma mesma conclusão), e a de *escala argumentativa* (dois ou mais enunciados de uma classe se apresentam em gradação de força crescente, direcionados a uma mesma conclusão), conforme o dado (3):

(3) No entanto, embora a comparação seja inevitável, escolheu-se o caminho da hipérbole para a análise deste conto. A concretização metafórica da figura cristã se solidifica quase no final do conto. Todavia isso já não ocorre com o exagero. *Aliás*, toda a narrativa está pautada nele. Desde a primeira frase do texto, quando o leitor sabe que todas as mulheres de uma cidade estavam grávidas e, supostamente, de um mesmo homem. (GAMA, tese/UFRJ, 2016, p. 98)

Em (3), o *aliás* introduz um argumento decisivo para a conclusão de que o “caminho da hipérbole” para a análise do conto é o mais acertado, pois “toda a narrativa” está pautada no exagero. Nesse contexto de uso, atestamos que o uso da partícula *aliás* não se limita à categorização tradicional. Com base nas informações até aqui expostas, podemos, inicialmente, concluir que o *aliás* pode ter diferentes classificações: a) advérbio; b) palavra denotadora de retificação; c) operador argumentativo, introdutor de argumento adicional.

Portanto, cabe aprofundarmos um pouco mais os traços principais das categorias advérbio e conjunção, tendo em vista que elas podem desempenhar, também, a função de operador argumentativo. Buscamos, dessa forma, responder a que grupo o *aliás* seria mais bem enquadrado.

### 1.3. O *aliás* e a classe dos advérbios

Nesta subseção, buscamos analisar as relações entre o *aliás* e a classe dos advérbios. No Quadro 1, a seguir, elencamos algumas definições sobre essa classe de palavras, conforme a visão de alguns autores consagrados no Brasil.

Obra	Definição
Cunha e Cintra (1985)	1. O advérbio é, fundamentalmente, um modificador do verbo; 2. A essa função básica, geral, certos advérbios acrescentam outras que lhes são privativas. Assim, os chamados advérbios de intensidade e formas semanticamente correlatas podem reforçar o sentido: a) de um adjetivo... b) de um advérbio... 3. salienta-se ainda que alguns advérbios aparecem, não raro, modificando toda a oração...(CUNHA e CINTRA, 1985, p. 529-530)
Bechara (2009)	É a expressão que por si só denota uma circunstância (de lugar, de tempo, modo, intensidade, condição, etc.) e desempenha na oração a função de adjunto adverbial. O <i>advérbio</i> é constituído por palavra de natureza nominal ou pronominal e se refere geralmente ao verbo, ou ainda, dentro de um grupo nominal unitário, a um adjetivo e a um advérbio (como intensificador), ou a uma declaração inteira... Fundamentalmente, distribuem-se os advérbios em assinalar a posição temporal... ou espacial do falante..., ou ainda o modo pelo qual se visualiza o “estado de coisas” designado na oração. (BECHARA, 2009, p. 287-288)
Azeredo(2014)	“O advérbio é a mais heterogênea das classes de palavras. [...]Suas características típicas, além da invariabilidade formal, são a função modificadora e a mobilidade posicional[...]. Existem várias subclasses semânticas e sintáticas de advérbio. [...]Exprimem basicamente posições temporais...; exprimem basicamente posições espaciais... São menos numerosas as subclasses dos advérbios de intensidade...; de adição/inclusão; de focalização...; de negação.” (AZEREDO, 2014, p. 192-193)

Quadro 1: Definições de advérbio

Com base nas definições pesquisadas, elencamos as seguintes propriedades:

- 1) É, fundamentalmente, uma classe modificadora do verbo, podendo reforçar o sentido de um adjetivo ou mesmo de outro advérbio;
- 2) Denota circunstâncias: lugar, tempo, modo, intensidade, condição etc., desempenhando, na oração, papel de adjunto adverbial, assinalando a posição temporal ou espacial do falante e o modo como o “estado de coisas” se apresenta nas orações;
- 3) Possui função modificadora, invariabilidade formal e mobilidade posicional, além de várias subclasses. Azeredo (2014, p. 93) faz referência às subclasses de adição/inclusão e de focalização.

Sobre sua mobilidade no discurso, verificamos que o *aliás* se instancia em posição inicial, intermediária e final, aproximando-se da classe dos advérbios. Sobre as subclasses de advérbios - adição/inclusão (AZEREDO, 2014, p. 93) -, notamos que o *aliás* pode adicionar/incluir um argumento com o propósito de ratificar todos os anteriores, conforme foi atestado no dado (1).

#### 1.4. O *aliás* e a classe das conjunções

Nesta subseção, apresentamos o Quadro 2 com as definições de conjunção, buscando estabelecer os pontos convergentes e/ou divergentes entre essa categoria gramatical e o *aliás*.

Autor	Definição
<b>Cunha e Cintra (1985)</b>	1. “[...] vocábulos gramaticais que servem para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração. As conjunções que relacionam termos ou orações de idêntica função gramatical têm o nome de coordenativas. Denominam-se subordinativas as conjunções que ligam duas orações, uma das quais determina ou completa o sentido da outra. [...]” (CUNHA e CINTRA, 1985, p.529-530)
<b>Bechara (2009)</b>	“Conector e transpositor – [...]têm por missão reunir orações num mesmo enunciado. Estas unidades são tradicionalmente chamadas conjunções, que se repartem em dois tipos: <i>coordenadas</i> e <i>subordinadas</i> . [...] coordenadas reúnem orações que pertencem ao mesmo nível sintático: dizem-se <i>independentes</i> umas das outras e, por isso mesmo, podem aparecer em enunciados separados. Daí ser a conjunção coordenativa um <i>conector</i> . [...] podem também “conectar” duas unidades menores que a oração, desde que do mesmo valor funcional dentro de mesmo enunciado. [...] [...] No enunciado <i>Soubemos que vai chover</i> , a missão da conjunção subordinada é assinalar que a oração que poderia ser sozinha um enunciado ( <i>vai chover</i> ) se insere num enunciado complexo em que ela ( <i>vai chover</i> ) perde a característica de enunciado independente, de oração, para exercer, num nível inferior da

	estruturação gramatical, a função de palavra...é um <i>transpositor</i> de um enunciado que passa a uma função de palavra”.(BECHARA, 2009, p.287-288)
<b>Azeredo (2014)</b>	“Chama-se conjunção subordinativa a <i>palavra invariável que, anteposta a uma oração com verbo flexionado em tempo, forma com ela um sintagma derivado</i> . Chama-se conjunção coordenativa a <i>espécie de palavra gramatical que une duas ou mais unidades (palavras, sintagmas ou orações) da mesma classe formal e mesmo valor sintático.</i> ” (AZEREDO, 2014, p.192-193)

**Quadro 2: Definições de conjunção**

Conforme as definições apresentadas, essas palavras gramaticais podem:

- 1) Relacionar termos ou orações de mesma função;
- 2) Ligar duas orações em que uma delas completará o sentido da outra. Bechara (2009) acrescenta os termos “conector” e “transpositor”, diferenciando as conjunções coordenativas das subordinativas, respectivamente.

A pesquisa bibliográfica atesta a difícil classificação do *aliás*, considerando a sua flutuação categorial. No decorrer da pesquisa, verificaremos em qual (is) categoria (s) o *aliás* melhor se enquadra, atentando, sobretudo, ao gênero textual em análise. Na subseção a seguir, abordamos a etimologia, os significados e os sinônimos do *aliás*, a fim de compreendermos melhor os usos atuais dessa partícula, a partir de suas origens e de usos mais pretéritos.

### 1.5. *Aliás*: etimologia, significados e sinônimos

Nesta subseção, apresentamos a pesquisa sobre a etimologia, os significados e os sinônimos de *aliás*, nos Quadros 3, 4 e 5, respectivamente.

<b>Obra</b>	<b>Etimologia</b>
Bueno (1963)	<i>Aliás</i> –adv. de m. De outra maneira, de outro modo, isto é, etc. Lat. <i>alias</i> . Costumava-se acentuar <i>aliás</i> para diferenciar o advérbio do adjetivo <i>alias</i> , no acusativo plural, ( <i>alius, alia, aliud</i> ) sem que na pronúncia houvesse distinção de acentuação. Era apenas um recurso gráfico, mas depois a grafia influenciou na prosódia e a palavra passou à oxítônica. (BUENO, 1963, p. 170)
Machado (1977)	<i>Aliás</i> , adv. e s. Do lat. <i>Alias</i> , cujo sentido clássico era: <<outra vez, outras vezes, noutro momento, noutra época>>; em sentido local não clássico: <<noutro sítio, noutro local>>; a partir de Plínio, o Antigo: <<de outro modo; por outro lado, sob outro ponto de vista; de outra maneira>> ( <i>Gaffiot</i> , s. v.) por via erudita. Séc. XVI: <<Tomemos por valedores a Senhora e a Igreja, por cuja contemplação nos conceda o Senhor o que <i>alias</i> nos poderá negar>>, <i>Arrais</i> , I, 12. (MACHADO, 1977, p. 199)

**Quadro 3 – Etimologia do ALIÁS**

Em Bueno (1963), a literatura pesquisada aponta para a restrita classificação do *aliás* como advérbio de modo. Já em Machado (1977), o *aliás* é classificado como advérbio de tempo (no sentido clássico), advérbio de lugar (no sentido não clássico), advérbio de modo (a partir



de Plínio, o Antigo) e outros usos, funcionando também como conector, com a função de contrastar o que se declara. A seguir, no Quadro 4, elencamos a pesquisa realizada sobre os significados de *aliás*, no latim e no português, com base em Torrinha (1939):

Obra	Significados
Torrinha (1939)	1- <b>aliā</b> ( <i>alius</i> ), adv. Por outro lado. <b>aliās</b> ( <i>alius</i> ), adv. 1. Em outra ocasião; em outras ocasiões; já. 2. Em outro lugar; em outras circunstâncias. 3. De outro modo; por outra razão; <i>aliás</i> ; além disso. 4. Loc.: <i>alias saepe</i> , já muitas vezes, muitas vezes antes; <i>alias antea</i> , até então; <i>raro alias</i> , raras vezes; <i>non alias</i> , nunca; <i>semper alias</i> , sempre. (TORRINHA, 1939, p. 42)
	2 - <b>aliās</b> , adv. 1. De outro modo: <i>aliter</i> , <i>secus</i> , <i>alio modo</i> , Cic. 2. Fora disso: <i>alias</i> , Ulp. 3. Sem o que, quando não: <i>sinaliter</i> , <i>sinminus</i> , <i>sin</i> , Cic.; <i>aut</i> , Ov. (TORRINHA, 1939, p. 65)

**Quadro 4 – Significados do ALLIÁS (1- latim/português e 2- português/latim)**

Podemos observar variedade de possibilidades de classificações sintático-semânticas de *aliás*, como advérbio e locução adverbial, com seus significados permeando diversos valores, como modo (“de outro modo”; “por outro lado”), negação/tempo (“nunca”), afirmação/tempo (“sempre”), tempo (“em outras circunstâncias”), lugar (“em outro lugar”), adição (“além disso”), dentre outros. A fim de aprofundarmos a investigação sobre o *aliás*, apresentamos, a seguir, o Quadro 5, com informações apresentadas por Costa (1967):

Obra	Sinônimos
Costa (1967)	<i>ALLIÁS</i> , alás; além disso; a outros respeito; de outro modo; de outra sorte; ao contrário; de mais a mais; de outra maneira; do contrário; em outras circunstâncias; em outro lugar; no caso contrário; em outros casos; em outras condições; outra parte; outro lugar; pelo contrário; por outra forma; ou por outra; senão, também. Quando - : onde. (COSTA, 1967, p. 143)

**Quadro 5 – Sinônimos do ALLIÁS**

O autor relaciona ao *aliás* o valor de conector aditivo nas formas “além disso”; “senão, também”, ratificando a função conectora dessa partícula na lista de sinônimos apresentada em sua obra. Ele também menciona os demais valores adverbiais dessa partícula, tais quais: modo (“de outra sorte”), contraste (“ao contrário”), tempo (“em outras circunstâncias”), lugar (“outro lugar”), o que reitera a multifuncionalidade do item.

Considerando a etimologia de *aliás*, em seu sentido clássico e não clássico, seus significados e sinônimos, além dos sentidos gramaticais atribuídos a essa partícula nas obras apresentadas nesta seção, concebemos, preliminarmente, dois *clines* que se configuram da seguinte forma: I) ESPAÇO (noutro sítio) > TEMPO (raras vezes); II) ADVÉRBIO (de outro modo) > CONECTOR (além disso).

Nesta seção, observamos a flutuação categorial que o *aliás* pode apresentar, segundo a bibliografia pesquisada. Assim, constatamos que esse item tem correspondências com as classes

dos advérbios e das conjunções, desempenhando, ainda, a função de operador argumentativo. Ademais, os valores semânticos e sintáticos observados corroboram para a assunção de *clines* de uso do *aliás*, que seguem do mais concreto ao menos concreto (espaço>tempo), e do menos gramatical ao mais gramatical (advérbio > conector).

## 2. Fundamentação teórica

Nesta seção, abordamos a fundamentação teórica que sustenta o estudo da multifuncionalidade de *aliás*, apresentando breves informações sobre os pressupostos teóricos da LFCU, da Linguística Textual e da Argumentação.

### 2.1. A LFCU e os contextos de uso

A LFCU concebe a linguagem como meio de interação social, entre falantes e ouvintes reais, e não ideais, conforme postulam as abordagens formalistas. Preocupa-se em “estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas” (CUNHA, 2013, p.157), buscando na situação comunicativa a motivação para a realização da língua. Essa abordagem teórica defende a ideia de que a língua não é autônoma, tampouco independente de fatores ser considerados como motivadores de construções e usos.

Ao lado da sintaxe e da semântica, as circunstâncias pragmáticas são consideradas bastante relevantes pela abordagem funcionalista. É nesse nível de investigação que se buscam os contextos e os propósitos comunicativos dos interlocutores, no uso concreto da língua, caracterizado pela interação e pelas questões sociais. Conforme Givón (2012),

Quando dados reais de discurso são levados em consideração [...] torna-se óbvio que os fenômenos não categóricos são a regra, e não a exceção, na linguagem humana. [...]. Se a língua é um instrumento de comunicação, então é bizarro tentar entender sua estrutura sem referência ao contexto comunicativo e à função comunicativa. (GIVÓN, 2012, p. 49)

Depreendemos das palavras do autor que o objeto de estudo, nas situações reais de interação, é o ponto de partida para se percorrermos os caminhos que levarão à construção dos modelos teóricos, o que, mais uma vez, reforça a ideia da importância da contextualização do item linguístico. No que concerne aos diversos níveis de investigação da língua, no ato do processo comunicativo, as abordagens funcionalista e cognitivista se assemelham, conforme assevera Cunha (2012):

Essas duas correntes compartilham vários pressupostos teórico-metodológicos, como a rejeição à autonomia da sintaxe, a incorporação da semântica e da pragmática às análises, a não distinção estrita entre léxico e sintaxe, a relação estreita entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem delas nos contextos reais de comunicação. (CUNHA, 2012, p. 29)

Ou seja, os contextos em que se dá o uso da língua, nas situações reais de interação, e a importância do exame das estruturas sintáticas e semânticas, e das estruturas acessadas pelo componente discursivo-pragmático, fazem-se necessários para uma autêntica investigação científica.

Nesta subseção, procuramos enfatizar a importância da LFCU como um dos aparatos teóricos utilizados nesta pesquisa, a fim de apreendermos a multifuncionalidade de *aliás*, preconizando os seus usos efetivos na língua. Assim, os contextos de uso dessa partícula, tanto linguísticos como extralinguísticos, são considerados, por serem constituintes indispensáveis ao estudo da língua.

A seguir, abordamos a LT, também eleita como suporte teórico imprescindível à realização desta pesquisa, uma vez que essa teoria investiga não só os itens linguísticos, isoladamente, mas também todo o contexto viabilizador da interação entre os interactantes.

## 2.2. A Linguística Textual

Nesta subseção, abordamos alguns pressupostos da LT, que acreditamos contribuir para o desenvolvimento desta pesquisa. Partimos da premissa de que ao item não basta uma análise isolada, tão pouco limitada à frase. Consideramos, nesta pesquisa, uma análise para além dos itens linguísticos, das frases e do próprio texto, salientando a intervenção dos contextos que viabilizam o ato comunicativo.

A necessidade de se ultrapassar os limites das frases, em prol dos fenômenos como referenciação, das relações de sentidos entre frases justapostas, dos fatos de cunho semântico, prosódico, discursivo e pragmático, dentre outros, em um primeiro momento, culminou no aparecimento de estudos relacionados à Linguística Textual. Segundo Koch (1997),

Tentou-se, então, encontrar regras para o encadeamento de sentenças, a partir dos métodos até então utilizados na análise sentencial, procurando ampliá-los para dar conta de pares ou seqüências maiores de frases. Passou-se, assim, a observar, no nível interfrasal - ou transfrástico- uma série de fatos já estudados no nível sentencial- questões relativas, como vimos, à correferência, à conexão entre orações, à relação tópico/comentário, entre outros. O texto,

nesse momento, é definido como "sequência pronominal ininterrupta" (Harweg, 1968) ou "sequência coerente de enunciados" (Isenberg, 1970; Bellert, 1970). Tanto estudiosos da linha estruturalista, como da linha gerativista dedicaram-se a pesquisar tais questões. (KOCH, 1997, p. 68)

Contudo, as regras utilizadas para a análise de frases isoladas não suscitou satisfação quando aplicadas em níveis transfrásticos, em sequências textuais maiores. Dessa maneira, a limitação das análises e a aplicação das regras apenas ampliaram o seu escopo, não satisfazendo questões como, por exemplo, a semântica do texto como um todo significativo e impregnado de intenções.

O texto passa a ser visto como uma unidade hierarquicamente mais elevada, em relação às sentenças isoladas. Dessa forma, passa a constituir uma "entidade do sistema linguístico" (KOCH, 1997, p. 69) e, portanto, sua estrutura é suscetível às regras gramaticais, isto é, à gramática textual.

Destacamos para esta pesquisa a preocupação da Linguística Textual em extrapolar os limites textuais (centrados no texto), admitindo a exploração de traços de ordem situacional, sociocognitiva e cultural (centrados nos interlocutores). Dessa forma, os trabalhos dessa disciplina se mostram afins à nossa proposta de análise, no que diz respeito às questões centradas no texto, nos interlocutores e nas situações de interlocução.

Além disso, no âmbito das pesquisas da Linguística Textual, o estudo dos articuladores discursivo-argumentativos, denominados por Koch (2017) *marcadores de articulação na progressão textual*, muito contribui para o desenvolvimento deste trabalho, uma vez que essas marcas linguísticas são frequentes nos textos argumentativos. Esses marcadores podem operar em diferentes níveis, segundo Koch (2017):

Na organização global do texto, em que explicitam as articulações das sequências ou partes maiores do texto; no nível intermediário, em que assinalam os encadeamentos entre parágrafos ou períodos; e no nível microestrutural, em que articulam orações ou mesmo membros oracionais. (KOCH, 2017, p. 127)

Ainda segundo a autora (2017), o *aliás* se enquadra entre os marcadores chamados "articuladores discursivo-argumentativos", introdutores das relações discursivo-argumentativas, conforme pode ser verificado no dado (4) abaixo:

(4) (...) o livro pode ser identificado como uma *autobiografia artística* (ou intelectual), que se caracteriza pelo fato de que seu recorte busca, prioritariamente, o fio condutor das experiências biográficas e

culturais que levaram um pensador ou um artista (seja ele pintor, poeta, romancista, músico etc.) a formar sua própria identidade enquanto tal.

Aliás, duas obras desse gênero apresentaram grande influência sobre Caetano Veloso: *Popism* de 1980, de Andy Warhol, cujo subtítulo em português “os anos 60 segundo Andy Warhol” explicita a ênfase do relato, e *Les mots (As palavras)* de 1964, de Jean-Paul Sartre, (...). (BARBOSA, tese/UFRJ, 2016, p. 23)

Em (4), o *aliás* orienta a argumentação para dois atos de fala: o primeiro, o tema, que fala sobre o livro autobiográfico que busca o “fio condutor” de experiências que levaram outros artistas a formarem suas identidades artísticas; o segundo, introduzido pelo *aliás*, adiciona um argumento decisivo, a fim de ratificar, comprovar o primeiro ato de fala.

Destacada a relevância dos pressupostos teóricos da Linguística Textual e de seus objetos de investigação, passamos à abordagem, ainda de modo sucinto, da Argumentação, que consideramos igualmente relevante e pertinente à realização desta pesquisa.

### 2.3. Argumentação

Nesta seção, abordamos alguns pressupostos da argumentação. Consideramos esse aspecto do funcionamento da linguagem pertinente à pesquisa, uma vez que, conforme postulado por Ducrot e Anscombre (1983) e Ducrot (1989), a língua é essencialmente argumentativa, e o sentido é construído no encadeamento discursivo. Isto é, segundo os autores, independente do gênero textual e da sequência discursiva, a argumentação é inerente à língua.

Além disso, o nosso objeto de estudo, o *aliás*, é analisado em um contexto específico de trabalhos acadêmicos de cunho argumentativo: teses de doutoramento e dissertações de mestrado. Isso reforça, ainda mais, a necessidade de abordarmos alguns pontos, no que se referem à argumentação, que consideramos importantes para o desenvolvimento deste trabalho.

Valemo-nos da Semântica Argumentativa, de Oswald Ducrot, uma vez que *aliás* está fortemente relacionado às questões discursivas dos textos. Nesse viés, observamos as relações semânticas que ocorrem dentro dos textos, estabelecidas por *aliás*, como operador argumentativo. Importa-nos as relações que essa partícula viabiliza entre os enunciados, de modo a orientar o discurso.

No que tange à Semântica Argumentativa, em sua fase atual, o modelo teórico abordado nesta seção é o da *Teoria dos Blocos Semânticos*, postulada por Ducrot e Carel (2005). Nesse

modelo, o sentido intralinguístico ganha relevo, demonstrando que as entidades linguísticas, por si sós, são imbuídas de argumentação.

Ou seja, segundo os autores, o sentido do item linguístico é revelado pelos encadeamentos argumentativos evocados. Assim, “o próprio significado de uma expressão é dado por discursos argumentativos que podem ser encadeados a partir dessa expressão” (CAREL; DUCROT, 2005, p. 13, tradução nossa).

O sentido, portanto, é constituído a partir dos encadeamentos argumentativos que se dão na relação entre os segmentos do discurso, conforme podemos observar nos dados (5) e (6), a seguir, em que, por um lado, em 5, a construção *aliás* tem a função de retificação e, por outro, em 6, tem função de inclusão de argumento, ratificando o enunciado anterior. Destacamos que, em ambas as ocorrências, consideramos que *aliás* atua como operador argumentativo, uma vez que orienta o discurso. Vejamos:

(5) Nenhuma, ao que se sabe, se entregou a homens de volantes. Nenhuma se entregou ou entregou companheiros às volantes. Fiéis companheiras, todas deixaram os pais. Todas deixaram a família: (...), amigos. Todos ficaram para trás. Tudo ficou para trás. Havia um homem, apenas um homem a ser seguido. Havia um risco de morte, mas havia um traço de vida. Escolhiam os dois. Aliás, escolhiam os três: o homem, a vida e a morte.

Eis as mulheres do cangaço. Que amaram e viveram e que nunca morrerão. (SANTOS, tese/UFRJ, 2015, p. 164)

Notamos em (5) que o autor do texto retifica o termo “os dois”, utilizando “os três”. Essa retificação é um argumento introduzido em prol de demonstrar a tese de que as mulheres do cangaço eram extremamente fiéis, pois “havia um homem, apenas um homem a ser seguido. Havia um risco de morte, mas havia um traço de vida”.

Na análise do dado (6), a seguir, verificamos que *aliás* não retifica, mas tem um valor de inclusão de argumentos, dando relevo/foco/destaque a termos em seu entorno, conforme podemos depreender abaixo:

(6)A memória voluntária, a recuperação dos dados biográficos, é relatada por meio do binóculo, aumentando ou diminuindo insignificâncias de acordo com o efeito pretendido pelo escritor. Recurso, aliás, como já fora dito, também declarado pelo narrador Graciliano Ramos em *Memórias do Cárcere*. (LESSA, tese/UFRJ, 2016, p. 26)

Note-se que *aliás* vem logo após o aposto “Recurso”, cuja função anafórica tem como escopo o enunciado anterior, mais especificamente o período anterior. O termo “Recurso” passa a tema, ganhando destaque, relevo, com a introdução dos argumentos após o item linguístico *aliás*. Dessarte, sendo a argumentação intrínseca à língua, como postulam Ducrot e Anscombre (1983) e Ducrot (1989), cabe-nos o aprofundamento dessa pesquisa, reconhecendo que a classificação de *aliás* vai além do que é postulado pela Tradição: palavra denotadora de retificação e advérbio.

Expostas as teorias que fundamentam esta pesquisa, abordamos, na próxima seção, a metodologia aplicada à investigação em andamento e o *corpus* eleito para a análise de *aliás*.

#### **4. Metodologia e constituição do *corpus***

Optamos por analisar as teses de doutoramento em Letras Vernáculas da UFRJ (2014, 2015 e 2016), disponíveis em [http://www.lettras.ufrj.br/posverna/indice\\_teses.htm](http://www.lettras.ufrj.br/posverna/indice_teses.htm), cujas análises preliminares estão calcadas nas posições de *aliás* e nos contextos morfossintáticos que o instanciam.

A escolha do *corpus* se deve pela preferência aos textos mais canônicos, de viés argumentativo, em que verificamos maior frequência de uso de *aliás*. Com isso, buscamos proporcionar uma reflexão sobre as ocorrências do *aliás*, sua frequência de uso nos textos pesquisados e os contextos morfossintáticos em que se instancia, a fim de entender em quais ambientes semântico-sintáticos esse elemento é recrutado pelos usuários da língua, conforme exposto na seção a seguir. Os dados pesquisados são tratados qualitativa e quantitativamente.

#### **5. Resultados das análises dos dados**

Optamos por dividir esta seção em três subseções, conforme as posições recrutadas do *aliás*, assim distribuídas: na subseção 5.1, são analisados os dados cuja posição recrutada para o uso do *aliás* foi a final; na subseção 5.2, a posição inicial; e, na subseção 5.3, a posição intermediária. Na Tabela 1, ilustramos em termos quantitativos, considerando os anos de 2014, 2015 e 2016, a frequência de uso do *aliás*, conforme as posições em que é recrutado nos textos em análise:

	Posição inicial	Posição intermediária	Posição final	Total
2014	29	93	0	122
2015	45	34	5	84
2016	52	41	0	93
<b>Total</b>	<b>126</b>	<b>168</b>	<b>5</b>	<b>299</b>

Tabela 1 – Quantitativo das posições de *aliás* no *corpus*

Optamos por iniciar a análise de *aliás* na posição final, pelo parco número de ocorrências dessa partícula nessa posição, em relação às demais.

### 5.1. O *aliás* na posição final

Nesta subseção, apresentamos os totais de instanciações de *aliás* nas teses de doutoramento da UFRJ (2014, 2015 e 2016) em posição final. Na sequência, apresentamos os contextos morfossintáticos em que o *aliás* é recrutado, nessa posição, descrevendo as estruturas em que aparece. Com isso, iniciamos uma busca por padrões de ocorrências de *aliás*, a partir desses fatores.

Começamos por destacar a baixa produtividade de *aliás* na posição final, perfazendo o total de cinco das 299 ocorrências dessa partícula nos 69 textos submetidos à análise. Ressaltamos que esse número equivale a 1,67% do total de instanciações (299), como podemos verificar na Tabela 2:

ANO	Total de ocorrências de <i>ALIÁS</i>		POSIÇÃO FINAL	
	Total	%	Total	%
2014	122	40,80%	-	-
2015	84	28,10%	5	5,95%
2016	93	31,10%	-	-
<b>TOTAIS</b>	<b>299</b>	<b>100%</b>	<b>5</b>	<b>1,67%</b>

Tabela 2 – Total geral de ocorrências de *aliás* em posição final

Destacamos que, na posição final, essa partícula foi recrutada apenas nas teses do ano de 2015, não restando ocorrências nos demais anos consultados. Vejamos um exemplo de *aliás* na posição ora analisada:

(7)(...); eles, nos albores da poesia moderna, retornam liricamente, outra vez, ao coração, através do poema de Fiana, guiados pelos golfinhos, que emanam um lirismo marinado, temperado como o sangue



romântico, sem a doçura do cânone sentimental, com a luz da razão dos novos tempos, *aliás*. (SARAIVA, tese/UFRJ, 2015, p. 108)

Percebemos, no dado(7), a instanciamento de *aliás* como advérbio de inclusão cumprindo a função textual de operador argumentativo. Aqui, o *aliás* acompanha um argumento que ratifica os anteriores, reforçando a ideia de contraexpectativa (“sem a doçura do cânone sentimental”), já que o que se espera do sentimentalismo romântico é essa “doçura” mencionada. Ressaltamos, ainda, a possibilidade de movimentação do *aliás*, nesse excerto, característica inerente à classe dos advérbios, conforme demonstrado em (7’):

(7’)... guiados pelos golfinhos, que emanam um lirismo marinado, temperado como o sangue romântico, sem a doçura do cânone sentimental. *Aliás*, com a luz da razão dos novos tempos.

Deve-se destacar que, apesar da possibilidade de comutar a posição do *aliás*, a fim de demonstrar sua aproximação com a classe dos advérbios, o sentido derivado, apesar de se aproximar do sentido original, jamais será igual. Portanto, trata-se de um recurso utilizado apenas a título de comparação do *aliás* com a classe dos advérbios, em função de sua mobilidade. Com os dados (8), (9), (10) e (11), a seguir, apresentamos exemplos de *aliás* na posição final e, na sequência, descrevemos os contextos morfossintáticos instanciadores desse item linguístico, nessa posição:

(8) (...). Ainda que este período que abre o romance seja composto tão somente de informações, elas não poderiam ser mais vagas. Quem é ele? Qual o verão? Para quem o Verão é importante? Para o narrador ou para o personagem inominado? Quem narra, *aliás*? Serão narrador e personagem a mesma pessoa? Qual a cidade peninsular, que península? Qual a indagação, qual o pintor? (VENTURA, tese/UFRJ, 2015, p. 113)

(9) Apenas uma leitora, entretanto, mencionou a questão do insólito presente na narrativa, (...). A leitora parece se referir, justamente, ao conluio entre ficção e filosofia, tão defendido nas dobras de *Monte Verità*.

O comportamento no narrador também foi mencionado apenas por uma leitora – a mesma, *aliás*: “Durante todo o livro fiquei com a expectativa de descobrir quem era aquele narrador onisciente, onipresente, oniglota, enfim, onipotente que anunciava as Intervenções...” (...). (SOUZA, tese/UFRJ, 2015, p. 352)

(10) (...). Exprimindo ao máximo o caos primordial, sua poética, em que a realidade é o que “os poetas fundam” (BRANDÃO, 2006, p. 696), reconsidera os fundamentos históricos de eras mitológicas e filosóficas passadas. Como vimos, é a vontade de ir além da utópica reconstrução de um universo outrora unido. Não propriamente o contrário, *aliás*. Mas, sim, o trabalho poético de dar vida nova a corpo e espírito unidos, agora, na interlocução entre os seus e os olhos atentos e dedicados de um leitor igualmente “peregrino” (...).(SARAIVA, teses/UFRJ, 2015, p. 172)

(11) Marco César, porém, diferentemente dos dois colegas, adia seu encontro com Clarice. Com as duas Clarices, *aliás*. É sintomático que tome conhecimento de ambas ao mesmo tempo... (SOUZA, tese/UFRJ, 2015, p. 258)

No dado (8), o *aliás* é antecedido por uma oração interrogativa (“quem narra?”), que é colocada como um argumento, a fim de ratificar, de forma sumária, todas as indagações anteriores: “quem é ele?”, “qual verão?”, “para quem o verão é importante?”, “para o narrador ou para o personagem inanimado?”.

Em (9), o sintagma preposicional (“por uma leitora”) é retomado pela expressão “a mesma”, que antecede o *aliás*. Trata-se de um argumento que ratifica a relevância de determinado fato ter sido mencionado “apenas por uma leitora”.

Em (10), o *aliás* é antecedido pelo sintagma adverbial de negação (“não propriamente o contrário”). No período após o *aliás*, o “sim” enfatiza a contrariedade em relação ao argumento usado junto ao *aliás*. Há um contexto de contraexpectativa, observado na correlação de substituição “não/mas/sim”.

No dado (11), assim como no dado (7), um sintagma preposicional (“com as duas Clarices”) antecede o *aliás*. A expressão é utilizada de modo a reelaborar a declaração anterior (“adia seu encontro com Clarice”), indicando que, apesar de se tratar de uma única pessoa (“Clarice”), para o personagem “Marco César” havia duas: a real e a imaginada.

Como podemos observar, o recrutamento de *aliás* na posição final ocorre em quatro ambientes morfossintáticos, os quais chamamos de padrões morfossintáticos de instanciações de *aliás* em posição final. Na Tabela 3, esquematizamos os padrões encontrados:

<b>Padrões</b>	<b>Descrição</b>	<b>Nº de ocorrências</b>
1	Sintagma preposicional + <i>aliás</i>	2
2	Sintagma adverbial (de negação) + <i>aliás</i>	1
3	Oração (interrogativa) + <i>aliás</i>	1
4	Oração (declarativa) + sintagma preposicional + sintagma nominal + <i>aliás</i>	1
<b>Total</b>		<b>5</b>

Tabela 3 – Padrões morfossintáticos de instanciações de *aliás* em posição final

No decorrer das análises, verificaremos se esses padrões morfossintáticos, por ora circunscritos ao *aliás*, na posição final, repetem-se nas demais posições de uso dessa partícula. A seguir, analisamos os dados em que o *aliás* se instancia na posição inicial.

## 5.2. O *aliás* na posição inicial

Em relação à posição final e à totalidade de ocorrências dessa partícula, destacamos que o seu recrutamento no início dos textos tem considerável produtividade, totalizando 126 ocorrências, ou seja, 42,14% do total (299). Vejamos a Tabela 4:

<b>ANO</b>	<b>Total de ocorrências do ALIÁS</b>		<b>POSIÇÃO INICIAL</b>	
	<b>Total</b>	<b>%</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
<b>2014</b>	122	40,80%	29	23,77%
<b>2015</b>	84	28,10%	45	53,57%
<b>2016</b>	93	31,10%	52	56,38%
<b>TOTAIS</b>	<b>299</b>	<b>100%</b>	<b>126</b>	<b>42,14%</b>

Tabela 4 – Total geral de ocorrências de *aliás* em posição inicial

Além da demanda de quase 50% de instanciações de *aliás* na posição inicial, observamos que, diferentemente de seu recrutamento na posição final, essa partícula é recrutada em todos os anos pesquisados – 2014, 2015 e 2016 –, na posição inicial.

Para esta pesquisa, de caráter preliminar, optamos por verificar as instanciações de *aliás*, na posição inicial, referentes às teses do ano de 2016. Nesse período, foram encontradas 52 ocorrências de *aliás* na posição inicial. Os números apontam para uma alta frequência de uso nessa posição e, no decorrer da pesquisa, observamos quais os contextos motivadores para essa escolha. Os dados (12) e (13) exemplificam a instanciação de *aliás* na posição inicial:

(12) Dessa forma, sem termos comprovação da presença cênica de Gonçalves de Magalhães anterior ao famoso 13 de março de 1838, sua estreia oficial continua sendo a mesma. *Aliás*, é de se prever que a tendência do poeta fosse reivindicar a data correta, não sendo necessários muitos esforços para defini-la. (ALMEIDA, tese/UFRJ, 2016, p. 105)

(13)(...), podemos afirmar, com segurança, que *Verdade tropical* é uma autobiografia. (...), o livro pode ser identificado como uma *autobiografia artística* (ou intelectual), que se caracteriza pelo fato de que seu recorte busca, prioritariamente, o fio condutor das experiências biográficas e culturais que levaram um pensador ou um artista (seja ele pintor, poeta, romancista, músico etc.) a formar sua própria identidade enquanto tal.

*Aliás*, duas obras desse gênero apresentaram grande influência sobre Caetano Veloso: *Popism* de 1980, de Andy Warhol, (...), e *Les mots (As palavras)* de 1964, de Jean-Paul Sartre, (...). (JULIÃO, tese/UFRJ, 2016, p. 23)

Nos dados (12) e (13), observamos o uso de *aliás* na função textual de operador argumentativo. No entanto, essa partícula opera de modo diverso, em cada um dos excertos, como marcador da articulação na progressão textual, proporcionando o encadeamento dos segmentos textuais, de variada extensão, em que se instancia (Koch, 2017, p. 127). Assim, no dado (12), o *aliás* proporciona o encadeamento entre dois períodos, em que o segundo é um argumento que explica o anterior. Já em (13), o *aliás* assinala o encadeamento entre parágrafos, em que o segundo especifica o que foi declarado no primeiro.

Em ambos os dados, *aliás* “articula dois atos de fala, em que o segundo toma o primeiro como tema com o fim de justificá-lo ou melhor explicá-lo, adicionar-lhe argumentos, generalizar, especificar (cf. KOCH, 2017, p. 127). Em (12), introduz uma relação discursivo-argumentativa de explicação; em (13), uma relação de especificação. Na sequência, observamos os contextos morfossintáticos que instanciam o *aliás*, na posição inicial, na Tabela 5:

<b>Aliás – posição inicial (2016)</b>		
Estruturas morfossintáticas	Nº de dados	%
Período>aliás>período	36	69,23%
Parágrafo>aliás>parágrafo	16	30,77%
<b>TOTAIS</b>	<b>52</b>	<b>100%</b>

Tabela 5 – Descrição das estruturas morfossintáticas de instanciações de *aliás* na posição inicial

Nas 52 ocorrências de *aliás* na posição inicial, identificamos dois padrões de uso, em que o *aliás* introduz: 1) um período e 2) um parágrafo, conforme demonstrado na Tabela 5. É preciso salientar que existe uma relação de encadeamento entre o *aliás* e as partes que o antecedem, assim como as partes que ele introduz, seja um período, seja um parágrafo.

Os números apontam para uma forte tendência de uso de *aliás*, na posição inicial, como articulador de relações entre períodos. Isto é, as relações discursivo-argumentativas veiculadas por essa partícula se exprimem através dos períodos introduzidos como argumentos pelo *aliás*.

### 5.3. O *aliás* na posição intermediária

Nesta subseção, analisamos a partícula *aliás* recrutada na posição intermediária dos textos. O *aliás*, nessa posição, foi recrutado 168 vezes nas teses de doutoramento dos anos de 2014, 2015 e 2016. Limitamo-nos à análise das ocorrências do ano de 2016, que correspondem a 41 dados. Na Tabela 6, abaixo, apresentamos os números referentes às instanciações de *aliás* na posição intermediária:

ANO	Total de ocorrências de <i>ALIÁS</i>		POSIÇÃO INTERMEDIÁRIA	
	Total	%	Total	%
2014	122	40,80%	93	76,23%
2015	84	28,10%	34	40,47%
2016	93	31,10%	41	44,09%
<b>TOTAIS</b>	<b>299</b>	<b>100%</b>	<b>168</b>	<b>56,19%</b>

Tabela 6 – Total geral de ocorrências de *aliás* em posição intermediária

Os números mostram a preferência ao uso de *aliás* na posição intermediária, em relação às demais posições. Das 299 ocorrências, 168 são de usos nessa posição, correspondendo a mais de 50% dos dados. Nas teses de 2016, ano que optamos por iniciar as análises preliminares dessa partícula, a sua frequência de uso corresponde a 41 instanciações, isto é, a 44,09%. A fim de ilustrar os usos de *aliás* na posição intermediária, seguimos utilizando o dado (14)e, na sequência, apresentamos a análise dos contextos morfossintáticos que instanciam o *aliás* nessa posição.

(14)Se levarmos em conta a definição de Lejeune, podemos afirmar, com segurança, que *Verdade tropical* é uma autobiografia. De modo mais específico, aliás, o livro pode ser identificado como uma *autobiografia artística* (ou intelectual), que se caracteriza pelo fato de que seu recorte busca, prioritariamente, o fio condutor das experiências biográficas e culturais que levaram um pensador ou um artista (...) a formar sua própria identidade enquanto tal. (JULIÃO, tese/UFRJ, 2016, p. 23)

No dado acima, o *aliás* introduz um argumento expresso por uma oração que especifica o argumento contido no período anterior a ele: “que *Verdade tropical* é uma autobiografia”. O

sintagma adverbial de modo, que vem junto a essa partícula, reforça a ideia de especificação por ela introduzida. Na sequência, com a Tabela 7, passamos à descrição dos contextos morfossintáticos de usos de *aliás* em posição intermediária.

Padrões	Descrição	Nº de ocorrências
1	Sujeito + aliás + oração	11
2	Oração + pronome relativo + aliás + oração	8
3	Sintagma + aliás + oração	6
4	Oração + sintagma + aliás + sintagma	3
5	Oração + aliás + sintagma adverbial + sintagma adverbial + sintagma adverbial + oração	2
6	Oração + aliás + sintagma	2
7	Sintagma adjetival + pronome relativo + aliás + Oração	1
8	Sujeito + aliás + sintagma adjetival	1
9	Oração + aliás + sujeito (posposto)	1
10	Oração + sintagma nominal + aliás + sintagma adverbial + oração	1
11	Oração + aliás + oração	1
12	Oração + aliás + complemento verbal	1
13	Conector + aliás + Oração	1
14	Sintagma adjetival + aliás + sintagma adverbial	1
15	Oração + oração reduzida de gerúndio intercalada por aliás	1
<b>Total</b>		<b>41</b>

Tabela 7 – Padrões morfossintáticos de instanciações do *aliás* em posição intermediária

Nos 41 recrutamentos do *aliás*, na posição intermediária, encontramos quinze padrões diferentes de uso dessa partícula. Ou seja, os números não só apontam para a preferência ao uso de *aliás* nessa posição, mas também para uma variedade de ambientes morfossintáticos, instanciadores dessa partícula.

Neste estudo parcial dos valores semânticos e sintáticos de *aliás*, apoiado na premissa de que há a multifuncionalidade dessa partícula nos contextos em que se insere, buscamos traçar as suas características mais centrais, observadas no *corpus* de teses de doutoramento da UFRJ, dos anos de 2014, 2015 e 2016.

Esta análise preliminar é pautada no posicionamento do *aliás* nos textos de cunho argumentativo, e na descrição das estruturas morfossintáticas que instanciam os seus usos. Os resultados apontam, *a priori*, 21 padrões de instanciações dessa partícula: quinze em posição intermediária, quatro na posição final e dois na posição inicial. Verificamos que *aliás* é mais produtivo na posição intermediária (168), seguida da posição inicial (126). Na posição final, mostrou-se menos produtivo, contabilizando apenas cinco ocorrências.

Os resultados fomentam a necessidade de uma análise mais detalhada, com o propósito de verificar a motivação da escolha de uso do *aliás*, preferencialmente, na posição intermediária e, em seguida, na posição inicial. Além disso, também é objetivo de etapas futuras desta pesquisa investigar a(s) motivação(ões) para a parca escolha dessa partícula na posição final.

Destacamos, ainda de forma preliminar, que o recrutamento de *aliás* ocorreu, em 100% das ocorrências, como operador argumentativo, articulando sintagmas, orações, períodos e parágrafos, e retificando enunciados, orientando, assim, o discurso. Assim, cabe-nos explicitar os valores sintáticos por trás da função textual de operador argumentativo.

Na continuação desta pesquisa, temos como meta prosseguir com as análises pautadas no arcabouço teórico da LFCU, da Linguística Textual e da Argumentação, a fim de responder às questões suscitadas durante este estudo, concluindo, por fim, pela multifuncionalidade de *aliás*.

### Referências bibliográficas

- AZEREDO, J. C. de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2014.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BUENO, F. da S. *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa*. v.1. São Paulo: Saraiva, 1963.
- CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. *Linguística centrada no uso*. Rio de Janeiro: Mauad x FAPERJ, 2013.
- COSTA, A. *Dicionário de sinônimos e locuções da língua portuguesa*. 3ª. ed., Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Fundo de Cultura, 1967.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova Gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. A linguística centrada no uso (ou linguística cognitivo-funcional). In: [Organizado por] Medianeira Souza [et al.]. *Sintaxe em foco*. Recife: PPGL/UFPE, 2012. 447 p.: il. (Coleção e Letras).
- FERREIRA, A. B. de H. *Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa*. 6ª. ed., Curitiba: Publifolha, 2007.
- GIVÓN, T. *A compreensão da gramática*. Tradução: Maria Angélica Furtado da Cunha, Mário Eduardo Martelotta, Filipe Albani. São Paulo: Cortez; Natal, RN: EDUFRN, 2012.
- HOUAISS, A. *Pequeno dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1ª ed., São Paulo: Moderna, 2015.
- KOCH, I. G. V. Linguística textual: retropecto e perspectivas. *Alfa*, São Paulo, 41: 67-78, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Argumentação e linguagem*. 13º ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- \_\_\_\_\_. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2015.

\_\_\_\_\_. *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas*. 2ª. ed., 1ª. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.

MACHADO, J. P. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 3ª. ed., v. 1 (a-b). Livros Horizonte: 1977.

TORRINHA, F. *Dicionário português-latino*. 3ª. milhar. Domigos Barreira, editor. Livraria Simões Lopes – Porto, 1939.

\_\_\_\_\_. *Dicionário latino-português*. Gráficos Reunidos LDA. – Porto.

UFFRJ (Letras): [http://www.lettras.ufrj.br/posverna/indice\\_teses.htm](http://www.lettras.ufrj.br/posverna/indice_teses.htm), acessado em março/2017.

### Abstract

This research is a functional study of “alias”, observing its semantic and syntactic aspects, used in the field of argumentation. We are based in the theories of Used-based Linguistic (LFCU), Textual Linguistics (LT), and Argumentation, and the *corpus* consists of PhD theses in Vernacular Letters of UFRJ, from the years 2014, 2015 and 2016. Most normative works, such as the Brazilian Grammatical Nomenclature (NGB), classify “aliás” as a word denoting rectification, framing it in the role of words not included among the adverbs. In grammars and dictionaries of consecrated authors, in fact it is classified according to NGB and as adverb. During the research, we verified the use of “alias” as an argumentative operator in 100% of the occurrences, either by articulating various textual portions or by rectifying statements, and we need to clarify the syntactic values behind the textual function of argumentative operator. The preliminary analysis is based on the position of “aliás” and on the description of the morphosyntactic structures that instantiate it. The results, after a reevaluation, since this is a research in progress, point out, *a priori*, 21 instantiating standards of this item in its 98 occurrences. The goal is to continue with the analyzes, answering the questions raised, concluding for the multifunctionality of the “aliás”.

**Keywords:** “aliás”; multifunctionality; functionalism.